

Se difícil para o Governo, muito pior está para o povo

Está difícil para o Governo, entender que os salários não devem aumentar, desde que o custo de vida também. Mas nós temos vivido um tremendo regime de exceção, a partir do que está acontecendo com os empresários e com os empregados.

A cesta básica é um ópio, o vale-transporte é uma esmola, o vale-refeição é uma vergonha, o abono é uma excrescência. Não trazem, para o trabalhador, a menor alegria, e nem são por ele computados como vencimentos.

Desta forma, uma empresa paga salários, sobre essa folha, acrescenta 90 por cento de obrigações sociais e ainda é mal-interpretada pelos empregados.

As leis que regem o assunto são em número grande demais, e feitas com demagogia, procurando amparar o empregado, como se o empregador fosse um perseguidor da força-tarefa.

No funcionalismo público ainda é pior. O Governo dá vantagens, mas paga mal a uns, beneficiando outros em detrimento, às vezes, de quem trabalha.

Não se pode esperar que um País em estado de dificuldade social tenha uma legislação trabalhista que contemple a todos; mas o controle dos preços, nas mãos do Governo, dá-lhe oportunidade de ver que se ele aumenta transportes, aumenta combustíveis, remédios, reduz impostos, e favorece a indústria com benefícios que vão recair sobre os ombros dos trabalhadores, tudo isto vai incidir diretamente sobre o orçamento deles mesmos.

É um momento difícil para o Governo, administrar um País com a CUT de um lado, os parlamentaristas do outro, e uma multidão no meio querendo abocanhar pedaços de verbas, concorrências ou dinheiro público mesmo. Mas o pior é para o povo, que não tem possibilidades de concorrer nesses setores, e tem que arcar com o orçamento cada dia mais difícil.

* 9 JUN 1991

CORREIO BRAZILIENSE